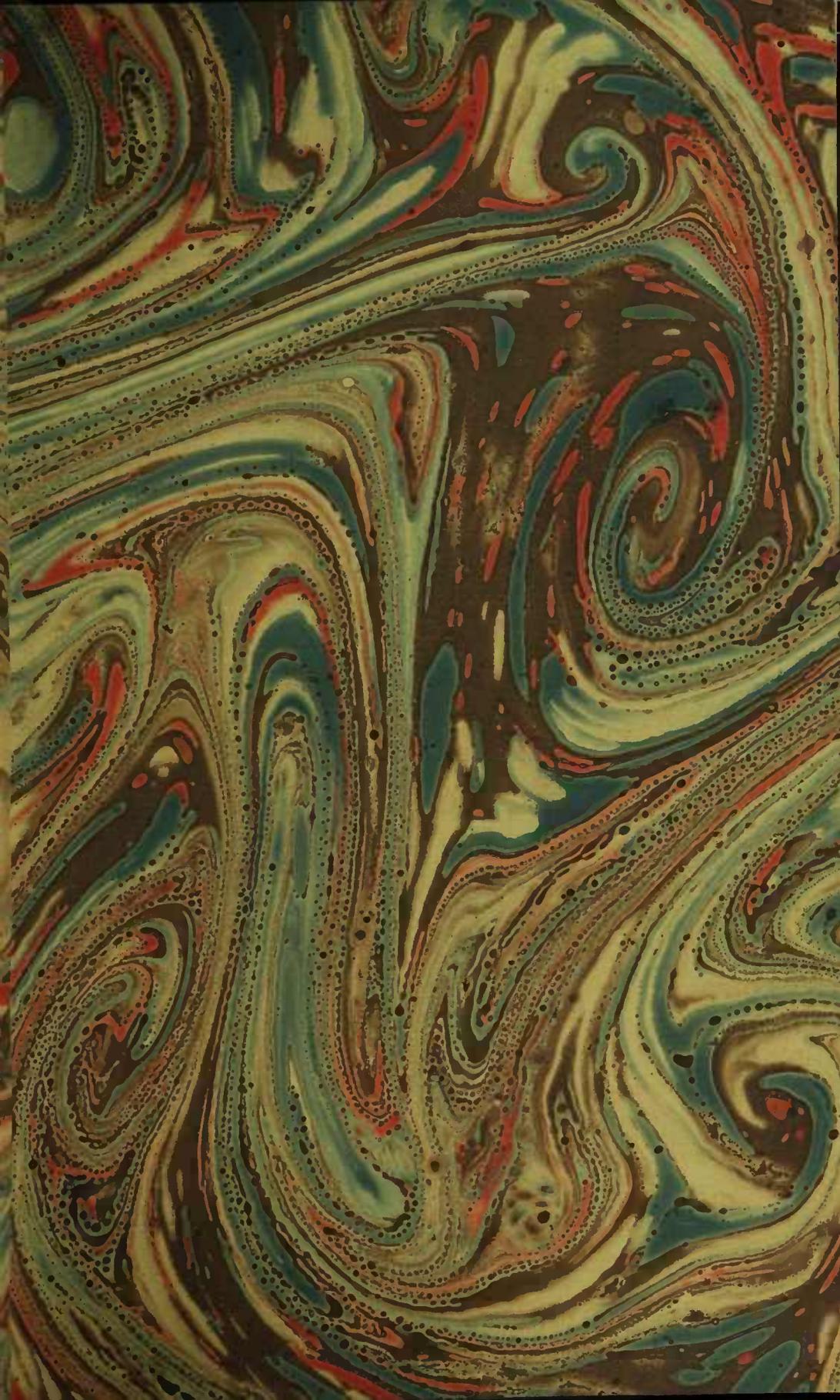


RECTE
PONERE
OTIA



EX LIBRIS
JOÃO MARINHO

J.C.



AS
PRIMAVERAS

DE

Casimiro J. M. de Abreu

NATURAL DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

1855 — 1858

RIO DE JANEIRO

TYP. DE PAULA BRITO

1859.

A

S. Octaviano.

*São as flores das minhas primaveras
Rebentadas á sombra dos coqueiros.*

TEIXEIRA DE MELLO. — *Sombras e Sonhos.*

Um dia — alem dos Orgãos, na poetica Friburgo — isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras estendião-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancolica do cahir das cachoeiras. Era a hora da *merenda* em nossa casa e pareceo-me ouvir o echo das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correrão e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei — *As Ave-Maria*: — a saudade havia sido a minha primeira musa.

7 Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu dera em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperança que nunca pude ver realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illusões da vida, abertas de noite — cahem pela manhã como as flores cheirosas das laranjeiras!

Flores e estrellas, murmurios da terra e mysterios do céu, sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma e ahi estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção d'imagens predomina o perfil gracioso d'uma virgem, facilmente s'explica: — era a filha do céu que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contradictorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahirão conforme as circumstancias e os lugares os vão despertando. Um dia a pasta pejada de tanto papel pedia que lhe desse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — Primaveras; depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu — livro intimo — e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretensões.

Todos ahi acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que soletra o seu poema mysterioso ao luar melancolico das nossas noites.

Meu Deus! que se ha de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos *homem serio*, e de preferirmos uma moeda de cobre a uma pagina de Lamartine.

De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sêde que a devora decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o trato dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropicos deve escrever n'uma linguagem — propriamente sua — languida como elle, quente como o sol que o abrasa, grande e mysteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos — Tymbiras — e acordar ao Renés enfastiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de — Y-Juca-Pirama — nós, cantores noveis, somos as vozes secundarias que se perdem no conjuncto d'uma grande orchestra: ha o unico merito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas — Primaveras — não passam d'um ramallete das flores proprias da estação, — flores que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos fructos do outomno.

Rio — 20 de Agosto — 1839.

CASIMIRO DE ABREU.

A

Fallo a ti — doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flor da languida saudade!
Por ti correo meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
— Marinheiro de amor — no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo. +

Por ti corri sedento atraz da gloria ;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores ;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte — no regaço flores !

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo-tutelar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as asas brancas. . .
Desenrola os anneis dos teus cabellos !

Muito gêlo, meu Deus, crestou-me as galas !
Muito vento do sul varreo-me as flores !
Ai de mim — se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores !

Não t'esqueças de mim ! Eu tenho o peito
De santas illusões, de crenças cheio !
— Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pódes ler o *meu livro*: — adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma — aberta em flor — sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas — Primaveras —
Houver rosas geptis, de espinhos nuas ;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor — são todas tuas !

Agosto 20 — 1859.

E.

PRIMAVERAS

LIVRO PRIMEIRO

Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée
des fêtes de l'étranger, et qui ne se sont assis
qu'aux festins de leurs pères !

Chateaubriand.

I

CANÇÃO DO EXILIO.

Oh! mon pays sera mes amour 3
Toujours.

Chateaubriand.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficão lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh que céo, que terra aquella,
Rica e bella
Como o céo de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas,
Não exhalas
Não exhalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
D'aquelles campos nataes!
D'aquelle céo de saphyra
Que se mira,
Que se mira nos crystaes!

Não amo a terra do exilio,
Sou bom filho,
Quero a patria, o meu paiz,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro.
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
—Desterrado—
A vida não é feliz.
N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu paiz!

II

MINHA TERRA.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

G. Dias.

Todos cantão sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Heide fazel-a rainha;
— Heide dar-lhe a realeza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul :
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brasil;
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de Abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal !
— É uma terra encantada
— Mimoso jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas — a primeira :
Deu-lhe esses campos bórdados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que ádeja
Sobre as flores que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
—Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo
A' sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marília
Em ternissimos enleios
Se beijávão com ternura
Em celestes devaneios;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na laranjeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeo de labios augustos
O brado da liberdade;
Aquella voz soberana
Vôou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade !

Um povo ergueu-se cantando
— Mancebos e anciãos —
E, filhos da mesma terra,
Alegres derão-se as mãos;
Foi bello vêr esse povo
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo :
— Portugal ! somos irmãos !

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra
Nem os eccos da montanha
Ao longe dizião — guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

Se brasileiro eu nasci
Brasileiro heide morrer,
Que um filho d'aquellas matas
Ama o céo que o vio nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha de vêr.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadaç
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra,
Mas não póde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar — suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa em seus rumores
Murmurá: — não tem rival!

III

SAUDADES.

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillão
Nas ondas quietas do mar ;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar !

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de magoa e de dôr,
O sino do campanario
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —
Eu sôlto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres :
— Saudades — dos meus amores,
— Saudades — da minha terra !

IV

CANÇÃO DO EXILIO.

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
 Meu Deus! não seja já ;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
 Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
 Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de nóvo
 Os gozos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria, não tem ;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãe !

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil ;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brasil !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deos ! não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Quero vêr esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul !
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul !

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel ;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel !

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,
A voz do sabiá !

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal !

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar !

As cachoeiras choraráõ sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Lisboa—1857.

V

MINHA MÃI.

Oh l'amour d'une mère!—amour que nul n'oublie!

V. Hugo.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha Mãi ! —

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— « Oh filho querido do meu coração! » —
— Minha Mãi! —

No berço, pendente dos ramos floridos
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
— Minha Mãi! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
Quem é que meus labios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
— Minha Mãi! —

Feliz o bom filho que póde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
— Uma Mãi! —

Por isso eu agora na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava :
— « Oh filho querido do meu coração ! »—
— Minha Mãe ! —

Lisboa — 1835.

VI

ROSA MURCHA.

Esta rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Palido emblema de amor ;
É uma folha cahida
Do livro da minha vida,
Um canto immenso de dor!

Ha que tempos ! Bem me lembro.
Foi n'um dia de Novembro :
Deixava a terra natal,
A minha patria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sahe do lar fagueiro ;
D'uma lagrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,
Ia morrer de saudade
N'outros climas, n'outras plagas ;
Mas tinha orações ferventes
D'uns labios inda innocentes
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus ? !
— Heide ir junto aos mausoleos
No fundo dos cemiterios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar .os mysterios !

Carpir o lyrio pendido
Pelo vento desabrido
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fronte saudosa,
Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos annos !

Era um anjo ! Foi pr'o céo
Envolta em mystico véo
Nas asas d'um cherubim ;
Já dorme o somno profundo,
E despedio-se do mundo
Pensando talvez em mim !

Oh ! esta flor desbotada,
Já tantas vezes beijada,
Que de mysterios não tem !
Em troca do seu perfume
Quanta saudade resume
E quantos prantos tambem !

VII

JURITY.

Na minha terra, no bulir do mato,
A jurity suspira ;
E como o arrulo dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dôres
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
Á beira do caminho ;
—Talvez perdida na floresta ingente—
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes d'ella
 É triste o meu cantar ;
— Flor dos tropicos— cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
 Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
 Seu canto de saudade ;
Hymno de angustia, férvido lamento,
Um poêma de amor e sentimento,
 Um grito d'orphanidade !

Depois o caçador chega cantando,
 Á pomba faz o tiro. . .
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
 No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
 Levar-me-ha comsigo ;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
 Dormir no meu jazigo.

E — morta — a pomba nunca mais suspira
 Á beira do caminho ;
E como a jurity, — longe dos lares —
Nunca mais chorarei nos meus cantares
 Saudades do meu ninho !

Lisboa — 1837.

VIII

MEUS OITO ANNOS.

Oh ! souvenirs ! printemps ! aurores !

V Hugo.

Oh ! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais !
Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes !

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
— Respira a alma innocencia
Como perfumes a flor ;
O mar é — lago sereno,
O céo — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céo bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céo de primavera!
Que doce a vida não era
N'essa risonha manhã!
Em vez das magoas de agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
—Pés descalços, braços nús—
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das asas ligeiras
Das borboletas azues !

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar:
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar !

Oh ! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais !

— Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes !

Lisboa—1857.

IX

NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
D'esses cantos de amizade,
Permitte que venha agora
Quem longe da patria chora
Bem triste gravar: — saudade!

Lisboa.

X

NO LAR.

Terra da minha patria, abre-me o scio
Na morte — ao menes.

Garrett.

I.

Longe da patria, sob um céo diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira á tarde.—

No mar — de noite — solitario e triste
Fitando os lumes que no céo tremião,
Avido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos vião.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em chôros, vim beijar as praias
Porque chorára n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,
— O filho pródigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rôtas,
O seu passado com prazer revolve! —

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Arvores novas. tanta flor no prado!
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado! —

Foi aqui, foi alli, além. mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea.
Lá o barranco por onde eu subia !

Acho agora mais sêcca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço.
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laço !.

Como eu me lembro dos meus dias puros !
Nada m'esquece !. e esquecer quem hade ?
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Falla-me ainda d'essa doce idade !

Eu me remoço recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu déra oh ! Deus ! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outr'ora !

E a casa ? as sallas, estes moveis. tudo,
O crucifixo pendurado ao muro.
O quarto do oratorio. a salla grande
Onde eu temia penetrar no escuro !

E alli . n'aquelle canto . o berço armado !
E minha mana, tão gentil, dormindo !
E mamãe a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo !

Oh ! primavera ! oh ! minha mãe querida !
Oh ! mana ! — anjinho que eu amei com ancia —
Vinde vêr-me, em soluços — de joelhos —
Beijando em chôros este pó da infancia !

II.

Meu Deus ! eu chorei tanto lá no exilio !
Tanta dor' me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gôzo de proscripto
Chora minh'alma e me succumbe a vida !

Quero amor ! quero vida ! e longa e bella
Que eu, Senhor ! não vivi — dormi apenas !
Minh'alma que s'expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites!
Quanto beijo roçou-me os lábios quentes!
E, palido, acordava no meu leito
—Sósinho—e orphão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz d'esta natura;
—Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os labios ardem.
Preciso as dores d'um sentir profundo!
—Soffrego a taça exgotarei d'um trago
Embora a morte va topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
—Alma de archanjo que me falle amores,
Que ria e chore, que suspire e gema.
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor!—Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zêlos!

Oh! céu de minha terra—azul sem mancha—
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Névoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagôa que o luar pratêa,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillias que morreis na arêa;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevís do campo, sabiás da praia,
—Cantai, correi, brilhai—minh'alma em ancias
Treme de gôzo e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura—modulai-me a lyra!
—Seja um poêma este ferver de ideias
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasporda o peito.
—Basta-me um anno! e depois. na sombra.
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gozos do meu lar querido.
Bemdito sejas! — vou viver c'os meus!

Inday'assú — 1857.

XI

BRAZILIANAS.

MORENINHA.

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos d'amores,
Faccira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á bocca cheia :
— « Mulher mais linda não ha !
« Ai ! vejão como é bonita
« Co'as tranças presas na fita,
« Co'as flores no samburá ! —

Tu és meiga, és innocente
Como a rôla que contente
Vôa e folga no rosal ;
Envôlta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas fallas,
Morena — não tens rival !

Tu, hontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
Á fresca sombra do til ;
Regando as flores, sósinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achei-te gentil !

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a juryty ;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti !

E disse então :— Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás !
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha;
Ninguém t'iguala ou t'imita
Co'as tranças presas ua fita,
Co'as flores no samburá !

Tu és a deosa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas vio-te. parou !
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sósinho
Por que sua alma ficou !

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós ;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu sóltas tambem a voz :

— « Oh ! quem me compra estas flores ?
« São lindas como os amores,
« Tão bellas não ha assim ;
« Forão banhadas de orvalho,
« São flores do meu serralho,
« Colhi-as no meu jardim. » —

Morena, minha Morena,
És bella, mas não tens pena
De quem morre de paixão !
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores bellas,
As rosas do coração ? !

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má ;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá !

Eu disse então : — « Meus amores,
« Deixa mirar tuas flores,
« Deixa perfumes sentir ! »
Mas n'aquelle doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir !

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã ;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo accendida,
Vermelha como a romã !

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazella não é ;
Tu ias de saia curta.
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé !

Ai ! Morena, ai ! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo tambem ;
Que importão rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem ?

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te — rosa da aldeia —
Como mais linda não ha.
— Jesus ! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá !

XII

NA RÊDE.

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rêde de pennas
— O céu por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto serena
Qual um serafim;
Os ciliós pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos sôltos cabellos
De' fino setim!

Dormia e sonhava — formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno n'um magico aneio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No colo a dormir!

Dormia e sonhava — no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita. . .
Mas sem despertar;
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgem na rêde corando e sorrindo.
Beijou-me — a sonhar!

Junho — 1838.

XIII

A VOZ DO RIO.

N'UM ALBUM.

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céu azul!
— Ai! porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergéis do sul?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras asas do Pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul! ..
—Tupá! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul?!

Lá novos campos outros campos ligão
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sósinha viverás no exilio
—Garça perdida n'esse mar que é verde!—

Nossas campinas como doces noivas
Vivem c'os montes sob o céu azul!
—Ha vida e amores n'este patrio ninho
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormio teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocão c'os braços este céu azul!
— Se tudo é grande n'este patrio ninho
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas: — essa terra fria
Merece amores, é irmã da minha —
Quem dar-te pode este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?!

Eu — Guanabara — no meu longo espelho
Reflico as nuvens d'este céu azul;
— O' minha filha! acalentei-te o somno,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras
E o sol medroso s'esconder nas agoas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Hade scismando mergulhar-se em magoas!

Mas se forçoso t'é deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
O' minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços — ao voltar do exílio —
Saudando o berço que teu labio diga :

« Volvo contente para o patrio ninho,
« Deixei sorrindo esses vergeis do sul;
« Tinha saudades d'este sol de fogo.
« Não deixo mais este meu céo azul !

Rio — 1858.

XIV

SETE DE SETEMBRO.

A D. PEDRO II.

I.

Foi um dia de gloria! — O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
 Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramio soberbo, dos grilhões liberto,
 No meio das florestas!

Lá no Ypiranga do Brasil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o augusto porte; *
Cercada a fronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria:
— Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou echo no peito dos valentes
No campo e na cidade;
E nos salões — do pescador nos lares,
Livres soarão hymnos populares
Á voz da liberdade!

II.

Annos correrão;—no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
A semente brotou;
E franca e leda, a geração nascente
Á copa altiva da arvore frondente
Segura se abrigou!

A roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
 Infante e a sorrir!
A nação do lethargo se desperta,
E — livre — marcha pela estrada aberta
 Às glórias do porvir!

O paiz, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço.
 Era o vosso, Senhor!
Vós do tronco feliz doce renovo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo
 Quão grande é seu amor!

XV

CANTICOS.

POESIA E AMOR.

A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lyra,
Da lua o clarão;

Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das aguas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os trémulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que sóta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;

As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol ;

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá ;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorgoeio
D'algum sabiá ;

A orphã que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã ;
Os sonhos eternos,
Os gosos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes de irmã ;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão ;

O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singela
Do seu coração ;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada
Qual berço de fada
N'um céu todo azul ;
No lago e nos brejos
Os férvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul ;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Soletra e murmura
Nos halitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deus !

Os trémulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,

Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia !
Tudo isso é — amor !

Inday'assú — 1857.

XVI

ORAÇÕES.

A * * *

A alma, como o incenso, ao céo s'eleva
Da férvida oração nas asas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circumdão anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãi s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho oh! cherubim!
Quando resares por teu mano, á noite,
Não t'esqueças tambem — resa por mim!

XVII

BALSAMO.

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubára d'um só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sósinha e desgrenhada
—Estatua da afflicção aos pés d'um tumulo!—
O esqualido coveiro p'ra dois corpos
Ergueo a mesma enxada, e n'essa noite

A mesma cova os teve!
E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

No entanto o sacerdote — fronte branca
Pelo gêlo dos annos — a seu lado
Tentava consolal-a.

A mãe afflicta
Sublime d'esse bello desespêro
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldava-lhe a rasão no duro trance.

« Oh! padre! — disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma —
« Onde o balsamo, as fallas d'esperança,
« O allivio á minha dor?! »

Grave e solemne,
O padre não fallou — mostrou-lhe o céu!

XVIII

DEUS!

Eu me lembro ! eu me lembro ! — Era pequeno
E brincava na praia ; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céo serenô.

E eu disse a minha mãe n'esse momento :
« Que dura orchestra ! Que furor insano !
« Que póde haver maior do que o oceano,
« Ou que seja mais forte do que o vento? ! »—

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céos
E respondeu : — Um Ser que nós não vemos
« E' maior do que o mar que nós tememos,
« Mais forte que o tufão ! meu filho, é—Deus ! »—

Dezembro — 1858.

LIVRO SEGUNDO

La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours!

V *Hugo.*

XIX

PRIMAVERAS.

Primavera! juventud del anno,
Mocidad! primavera della vita.

Metastasio.

I.

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinão ás aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotão aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a fronte da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula,
Canta a calhandra, a jurity arrulla,
O mar é calmo porque o céo é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa :— Como é linda a veiga !
Responde a rosa — Como é doce o orvalho !

II.

Mas como ás vezes sobre o céo sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Sólta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas ; — o jasmim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo
Bem como o galho do gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem do seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumesce o scio.

Na primavera — na manhã da vida —
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
Á voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação ferosa,
Ama-se a vida — a mocidade é crença,
E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e goza.

1.º de Julho — 1838.

XX

SCENA INTIMA.

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
 Só p'ra mim !
— Ora diz-me : esses queixumes,
Esses injustos ciumes
 Não tem fim ?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
 Por peccar ;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
 D'um olhar !

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
 N'um sorrir ?
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
 Sem me ouvir !

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
 — Sem querer —
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
 Fui beber !

Erão uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
 Como os teus !
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozós infindos,
 Só dos céos !

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei !
Juro fallar-te a verdade. .
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei !

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vêm molhar !

Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente
Minha flor !
Seja grande embora o crime
O perdão sempre é sublime
Meu amor !

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
Só peccou ;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo.
Aqui estou !

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
 Doce mel ;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
 O infiel :

Prende-me. n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
 Com paixão ;
Ordemna com gesto altivo...
Que te beije este captivo -
 Essa mão !

Mata-me sim. de ventura,
Com mil beijos de ternura
 Sem ter dó,
Que eu prometo, anjo querido,
Não desprender um gemido,
 Nem um só !

XXI

JURAMENTO.

Tu dizes oh Mariquinhas
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são !
Mas se eu não te jurei nada,
Como hasde tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não ?!

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante ;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá, sentada a meu lado
Com esse rosto adorado
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera : — inclina essa fronte.
Assim ! . . . — Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado !
— Agora, se em mim te fias,
Fica seria, não te rias,
O juramento é sagrado :

« — Eu juro sobre estas tranças,
« E pelas chammas que lanças
« D'esses teus olhos divinos ;
« Eu juro, minha innocente,
« Embalar-te docemente
« Ao som dos mais ternos hymnos !

« Pelas ondas, pelas flores,
« Que se estremecem de amores
« Da brisa ao sôpro lascivo ;
« Eu juro, por minha vida,
« Deitar-me a teus pés querida
« Humilde como um captivo !

« Pelos lyrios, pelas rosas,
« Pelas estrellas formosas,
« Pelo sol que brilha agora,
« — Eu juro dar-te, Maria,
« Quarenta beijos por dia
« E dez abraços por hora ! »

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontando ao coração ;
E agora — por vida minha,
Tu verás oh ! moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não ! . .

XXII

PERFUMES E AMOR.

NÁ PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM.

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor ;
E o sol, abrindo da açucena as folhas,
Dá-lhe perfumes — e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta n'esta fronte ardor,
Sempre quizera ao encetar teu album
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deus! nas folhas d'este livro puro
Não manche o pranto da innocencia o alvor,
Mas cada canto que cahir dos labios
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,
Do nardo o aroma e da camélia a cor,
E possa a virgem, percorrendo as folhas,
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre á bella, caprichosa sempre,
Nos ternos hymnos d'infantil frescor
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes — e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anhelô do feliz cantor:
— « Meu Deus! nas folhas do meu livro d'alma
Sobrão perfumes — e não falta amor! »

XXIII

SEGREDOS.

Eu tenho uns amores — quem é que os não tinha
Nos tempos antigos? — Amar não faz mal ;
As almas que sentem paixão como a minha
Que digão, que fallem em regra geral.

— A flor dos meus sonhos é moça e bonita
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,
Mas onde ella mora, que casa ella habita,
Não quero, não posso, não devo contar !

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus lábios de rosa, a falla é de mel,
As tranças compridas, qual livre bachante,
O pé de criança, cintura de anel ;
— Os olhos rasgados são cor das saphyras
Serenos e puros, azues como o mar ;
Se fallão sinceros, se pregão mentiras,
Não quero, não posso, não devo contar !

Oh ! hontem no baile com ella walsando
Senti as delicias dos anjos do céu !
Na dança ligeira qual sylpho voando
Cahio-lhe do rosto seu candido véo !
— Que noite e que baile ! — Seu halito virgem
Queimava-me as faces no louco walsar,
As fallas sentidas que os olhos fallavão
Não posso, não quero, não devo contar !

Depois indolente firmou-se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez !
Inda era mais bella rendida ao cansaço
Morrendo de amores em tal languidez !
— Que noite e que festa ! e que languido rosto
Banhado ao reflexo do branco luar !
A neve do collo e as ondas dos seios
Não quero, não posso, não devo contar !

A noite é sublime ! — Tem longos queixumes,
Misterios profundos que eu mesmo não sei :
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me matarão, de amor suspirei !
— Agora eu vos juro. . . Palavra ! — não minto !
Ouvi-a formosa tambem suspirar ;
Os doces suspiros que os éccos ouvirão
Não quero, não posso, não devo contar !

Então n'esse instante nas aguas do rio
Passava uma barca, e o bom remador
Cantava na flauta : — « Nas noites d'estio
O céo tem estrellas, o mar tem amor ! » —
— E a voz maviosa do bom gondoleiro
Repete cantando : — « viver é amar ! » —
Se os peitos respondem á voz do barqueiro. . .
Não quero, não posso, não devo contar !

Trememos de medo. . . a bocca emmudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração !
Seu seio nevado de amor se entumece. . .
E os labios se tocão no ardor da paixão !
— Depois. mas já vejo que vós, meus senhores,
Com fina malicia quereis me enganar.
Aqui faço ponto ; — segredos de amores
Não quero, não posso, não devo contar !

XXIV

CLARA.

Não sabes Clara que pena
Eu teria se — morena
Tu fosses em vez de *clara!*
Talvez... Quem sabe?... não digo.
Mas reflectindo comigo
Talvez nem tanto te amára!

A tua cor é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bocca breve.
O teu sorriso é delirio. . .
E's alva da cor do lyrio,
E's *clara* da cor da neve!

A morena é predilecta,
Mas a *clara* é do poeta :
Assim se pintão archanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra
Emquanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente :
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabello ;
— A *clara* é sempre mais fria,
Mas da-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gêlo !

A cor morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
— O teu sorriso é delirio. . .
E's alva da cor do lyrio,
E's *clara* da cor da neve !

XXV

A WALSA.

A M. * * *

Tu, hontem,
Na dança
Que cança,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas

De vivo,
Lascivo
Carmim ;
Na walsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquilla,
Serena,
Sem pena
De mim !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti !
Quem dera
Que sintas ! . .
— Não negues,
Não mintas . .
— Eu vi ! . . .

Walsavas :
— Teus bellos
Cabellos,

Já sóltos,
Revoltos,
Saltavão,
Voavão,
Brincavão
No collo
Que é meu ;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias
P'ra outro
Não eu !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti !
Quem dera
Que sintas !.
— Não negues,
Não mintas .
— Eu vi !.

Meu Deos!
Eras bella
Donzella,
Walsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sylpho
Risonho
Que em sonho
Nos vêm !
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem ? !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti !
Quem dera
Que sintas ! . . .

— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi !...

Calado,
Sosinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na walsa
Veloz !
Eu triste
Vi tudo !
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem fallas,
Nem cantos,
Nem prantos
Nem voz !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores

Que louco
Senti !
Quem dera
Que sintas ! .
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi !...

Na walsa
Cançaste ;
Ficaste
Prostrada,
Turbada !
Pensavas,
Scismavas,
E estavas
Tão pallida
Então ;
Qual pallida
Rosa .
Mimosa,
No valle
Do vento
Cruento
Batida,
Cahida
Sem vida
No chão !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti !
Quem dera
Que sintas ! . . .
— Não negues,
Não mintas . . .
— Eu vi ! . . .

Rio — 1858.

XXVI

BORBOLETA.



**Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?**

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
E louca quer variar?
Se já tens amores bellos,
P'ra que vais dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor trahida
Na debil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciumes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?..

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim.?!

Tu vês a flor da campina,
E bella e terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem;
Depois, passado o delirio,
Esqueces o pobre lyrio
Em troca d'uma cecém!

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sôpro da brisa,
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca d'uma outra flor;
Ella — a triste, mollemente
Pendida sobre a corrente,
Fallece á mingoa d'amor.

Tu tambem minha inconstante
Tens tido mais d'um amante
E nunca amaste a um só!
Elles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vais vivendo e não tens dó!

Ai! és muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vais beijar outras flores;
Esqueces os que te amão...
Por isso todos te chamão:
— Borboleta dos amores!

Rio — 1838.

XXVII

QUANDO TU CHORAS.

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornão mais bello o crystalino pranto.

Oh! n'essa idade da paixão lasciva
Como o prazer, é o chorar preciso:
Mas breve passa — qual a chuva estiva —
Equasi ao pranto se mistura o riso.

E' doce o pranto de gentil donzella,
E' sempre bello quando a virgem chora :
— Semelha a rosa pudibunda e bella
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gotta transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas — tão feliz amante!—
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto :
— Serei o sol e tu serás a rosa.
Chora, meu anjo, — beberei teu pranto !

XXVIII

CANTO DE AMOR.

•

—

A M. * * *

—

I.

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhára-a linda, como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bella,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como d'um desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz !

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulípa ao pôr-do-sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,
Quando a minha alma transbordava em fé ;
E nesta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, be^hm sei que é !

No silencio da noite a virgem vinha
Sôltas as tranças junto a mim dormir ;
E era bella, meu Deus, assim sosinha
No seu somno d'infante inda a sorrir!...

II.

Vi-a e não vi-a ! Foi n'um só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flor,
Mas n'esse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobrio d'affago,
E minha imagem nem se-quer guardou,
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,
Quasi indolente, não me vio, ai, não!
Mas eu que sinto tão profunda a chaga
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já cahido o véo!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que niveo collo promettendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhára assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

III.

P'ra tí, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,
Se preito queres — eu te caio aos pés,
Se rires — rio, se chorares — choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus labios um sorrir fagueiro,
E d'esses olhos um volver, um só;
E verás que meu éstro, hoje rasteiro,
Cantando amores s'erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo.. e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguem te dá;
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade — lá!

IV.

Se tu, oh linda, em chamma igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
Da fantasia nas douradas azas
Nós viveremos n'outro mundo — além!

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus ;
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos fallará com Deus !

Juntas, unidas n'um estreito abraço,
As nossas almas uma só serão ;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Criará poêmas d'immortal paixão !

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
É' grande e bello como é grande o mar,
E doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar !

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lyrio que já murcho cahe!
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lyrio que morrendo vai! ..

XXIX

VIOLETA.

Sempre teu labio severo
Me chama de borboleta !
— Se eu deixo as rosas do prado
E' só por ti — violeta !

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas !
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travêssa
Vive de sol e de flores.
— Eu quero o sol de teus olhos,
O nectar dos teus amores !

Captivo de teu perfume
Não mais serei borboleta ;
— Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel — violeta !

4^o de Abril.

XXX

O QUE ?

Em que scismas, poeta ? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já pendidas ?
Nos sonhos d'alma que te lembra ?

— A infancia !

Que sombra, que fantasma vem banhado
No doce effluvio d'essa quadra linda ?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora ?

— Arinda !

Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?

— D'ella !

E se a virgem viesse agora mesmo
Surgindo bella qual visão de amores,
Tu, p'ra saudai-a bem do ímo d'alma
Diz-me, poeta — o que escolhias?

— Flores.

E se ella, farta dos aromas doces
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas. .
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas?

— Hymnos !

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva. . .
O que lhe davas, meu poeta?

— A vida !

XXXI

SONHOS DE VIRGEM.

—

A M. * * *

—

I.

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que á mente te vem risonhos
Na primavera inda em flor?
No ceeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas virgem? — amor?

Que céos, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos te vem?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada
N'um scismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é — por mim?!

II.

Quando tu dormes tranquilla,
Cerrada a negra pupilla
E o labio doce a sorrir;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir!

Oh! sonha! — Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração!
— Puro vergel de açucenas
Ou lago d'agoas serenas
Que estremece á viração!

Feliz! Feliz quem podera
Colher-te na primavera
De galas rica e louçã!
Feliz oh! flor dos amores,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhã!

XXXII

ASSIM!

A M. * * *

Viste o lyrio da campina?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lyrio da campina?
Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,
A dor do nauta
Suspirando no alto mar?
— Nunca ouviste a voz da flauta?
Como o nauta
E' tão triste o meu cantar!

Não viste a rôla sem ninho
No ~~caminho~~
Gemendo, se a noite vem?
— Não viste a rôla sem ninho?
Pois, anjinho,
Assim eu gemo, também!

Não viste a barca perdida,
Sacudida
Nas azas d'algum tufão?
— Não viste a barca fendida?
Pois querida
Assim vai meu coração!

XXXIII

QUANDO ?! ..

Não era bello, Maria,
Aquelle tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores
Da vida na primavera ?

— Era !

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiá mais gorgeios,
O céu mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma innocentinha?

— Tinha !

E como achavas, Maria,
Aquelles doces instantes
De poetica harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavão nos teus cabellos?

— Bellos !

Como tremias oh ! vida,
Se em mim os olhos fitavas !
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
N'aquella encantada aurora !

— Ora !

E diz-me: não te recordas
— Debaixo do cajueiro —
Lá da lagôa nas bordas
Aquelle beijo primeiro ?
Ia o dia já findando..

— Quando ? ! . . .

XXXIV

SEMPRE SONHOS!

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu m'erguera cantando essa paixão,
E atirára p'ra longe — sem saudade —
Este véo que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo
Quasi morto dos ventos ao rigor,
Encontrára de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços d'esse amor!

Minha fronte, que pende soffredora
Acharia, meu Deus, inspirações,
E o fogo que queimou Gilbert e Dante
Correria mais puro e mais constante
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudára a luz,
E apagára, Senhor, n'um beijo puro
A dor immensa da perda do futuro
Que á morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz das turbas
E esta anciã infeliz de gloria vã ;
Na vida que nos corre tão sombria
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,
E ella — minha irmã!

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãe vela o filho que dormio :
Se um dia ella soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim bolio!

Como á sombra das arvores da patria
S'embala a doce filha dos tupis,
A sombra da ventura e da esperanza
Embalára, meu Deus, essa criança
Nos cantos juvenis !

Como o nauta olha o céo de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,
Espreitára tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva d'um desgosto,
A nuvem d'uma dor !

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma
Outro mundo, outro céo, outros vergeis ;
Nossa vida seria um doce affago,
Nós — dois cysnes vogando em manso lago,
— Amor — nossos batéis !

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu deixára este amor da gloria vã ;
N'esse mundo de luz, doce e risonho,
A pudibunda virgem do meu sonho
Seria minha irmã !

XXXV

O QUE É — SYMPATHIA.

—

A UMA MENINA .

—

Sympathia — é o sentimento
Que nasce n'um só momento,
Sincero, no coração ;
São dois olhares accessos
Bem juntos, unidos, presos
N'uma magica atração.

Sympathia — são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe ás vezes nascidos,
Mas que se juntão crescidos
E que se abração por fim.

São duas almas bem gémeas
Que riem no mesmo riso,
Que chorão nos mesmos ais;
São vozes de dois amantes,
Duas lyras semelhantes,
Ou dois poêmas iguaes.

Sympathia — meu anjinho,
E' o canto do passarinho,
E' o docê aroma da flor;
São nuvens d'um céu d'Agosto,
E' o que m'inspira teu rosto...
— Sympathia — é — quasi amor!

XXXVI

PALAVRAS NO MAR.

Se eu fosse amado!...
Se um rosto virgem
Doce vertigem
Me d'esse n'alma
Turbando a calma
Que me enlanguece! ..
Oh! se eu podesse
Hoje — se-quer —
Fartar desejos
Nos longos beijos
D'uma mulher!...

Se o peito morto
Doce conforto
Sentisse agora
Na sua dor ;
Talvez n'est'hora
Viver quizera
Na primavera
De casto amor !
Então 'minh'alma,
Turbada a calma,
— Harpa vibrada
Por mão de fada —
Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exhalaria
Na melodia
Dos sonhos meus ;
E louca e terna
N'essa vertigem
Amára a virgem
Cantando a Deus !...

XXXVII

PEPITA.

A toi! toujours a toi!

V. Hugo.

Minh'alma é mundo virge' — ilha perdida —
Em lagos de crystaes ;
Vem, Pepita, — Colombo dos amores, —
Vem descobril-o, no paiz das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo
Nas terras onde és rei;
A sombra dos bambús vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas
Sosinho a pipilar;
— Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;
As azas a bater, o passarinho
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril
Nos plainos do Sarah;
Vem tu — fada de amor — dar-lhe co'a vara.
— Qual do penedo que Moysés tocára
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,
Co'as folhas em setim;
— Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...
Tem poêmas de amor, tem melodia
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido á margem
Sem leme, em ocio vil ;
— Vem soltal-o, Pepita, e correremos
— Sôltas as velas — despresando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras
Co'as flores em botão ;
— Vem ser da primavera o sôpro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer ;
— Vem, Pepita, das tardes no remanso,
Da rêde dos amores no balanço
Comigo adormecer.

Oh! vem! eu sou a flor aberta á noite
Pendida no arrebôl!
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios d'esse sol!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.

— Dá-me o riso feliz em vez da `magoa...

O lyrio morto quer a gotta d'agoa,

— Eu quero o teu amor!

Rio — 1838.

XXXVIII

VISÃO.

Uma noite, meu Deus, que noite aquella!
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma criança.

Sorri-me; — era o sonho de minh'alma
Esse riso infantil que o labio tinha:
— Talvez que essa alma dos amores puros
Podesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ella olhou... doce misterio!
Minh'alma despertou-se á luz da vida,
E as vozes d'uma lyra e d'um piano
Juntas se unirão na canção querida.

Depois eu indolente descuidei-me
Da planta nova dos gentis amores,
E a criança, correndo pela vida,
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou; — talvez ella adormecesse
Junto á fonte, deitada na verdura,
E — sonhando — a criança se recorde
Do moço que ella vio e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atraz do berço d'ouro d'essa fada;
Rasguei-me nos espinhos do caminho...
Cancei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a ver se descubro a face linda.
— Os outros a sorrir paixão cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda!..

Onde foste, visão dos meus amores!
Minh'alma sem te ver louca suspira!
— Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra?!.

Setembro — 1838.

XXXIX

QUEIXUMES.

Olho e vejo. tudo é gala,
Tudo canta e tudo falla,
Só minh'alma
Não se acalma,
Muda e triste não se ri!
Minha mente já delira,
E meu peitò só suspira
Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bella e doce vivida
 Nos meus lares
 Sem pezares
No socêgo só d'alli!
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
 Por ti! Por ti!

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
 É meu canto
 — Todo pranto —
Qual a voz da juryty!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
 Por ti! Por ti!

Ai! se eu pudesse, formosa,
Roçar-te os labios de rosa
 Como ás flores
 — Seus amores —
Faz o louço colibri;
Esta minh'alma nos hymnos
Erguêra cantos divinos
 Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
— Qual n'aurora
Que descora,
Desfolhado bogari;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
Á minh'alma dá conforto,
Diz na lousa:
— « Elle repousa,
« Coitado! descança aqui! » —
Ai! não t'esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora
Por ti! Por ti!

XL

AMOR E MEDO.

* * *

I.

Quanto eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, *oh! bella,
Contigo dizes, suspirando amores:
« — Meu Deus! que gêlo, que frieza aquella! »

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco..
E's bella — eu moço; tens amor — eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumesce os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio'
A chamma viva que teu riso atéa!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que á sombra delle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra
Chovesse embora paternal orvalho!

II.

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Sôltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Trémula a falla a protestar baixinho.
Vermelha a bocca, soltando um beijo!..

Diz: — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pisar descalça,
— Criança louca, — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras: — qu' é da minha c' róa?...
Eu te diria: — desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gêlo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
E's bella — eu moço; tens amor, eu — medo!

XLI

PERDÃO!



I.

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeo?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lagrima crystalina
Banhou-te a face divina
E a bella fronte inspirada
Pallida e triste pendeo?!

Choraste?! — E longe não pude
Sorver-te a lagrima pura
Que banhou-te a formosura!
Ouvir-te a voz de alaúde
A lamentar-se sentida!
Humilde cahir-te aos pés,
Offerecer-te esta vida
No sacrificio mais santo,
Para poupar esse pranto
Que te rolou sobre a tez!

Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor offendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palacio de fada,
— No sonhar da fantasia —
Ardeo em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quiz manchar-te na orgia!

II.

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim, — innocente —

Que se te amou, foi de mais!
Perdão p'ra mim que não pude
Calar a voz do alaúde,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão oh! flor dos amores,
Se quiz manchar-te os verdores,
Se quiz tirar-te do hastil!
— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume.
E fui covarde e fui vil!...

III.

Eu sei, devêra sosinho
Soffrer comigo o tormento
E na dor do pensamento
Devorar essa agonia!
— Devêra, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raizes
D'esse amor, e tão descrido
Dos hymnos matar-lhe a voz!
— Devêra, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgosto,

Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de magoas — prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me e — morrer!

Não pude! — A mente fervia,
O coração trasbordava,
Interna voz me fallava,
E louco ouvindo a harmonia
Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto
E do delirio no pranto
Morri de amores — por ti!

IV.

Perdão! se fui desvairado
Manchar-te a flor d'innocencia,
E do meu canto n'ardencia
Ferir-te no coração!
— Será enorme o peccado,

Mas tremenda a expiação
Se me deres por sentença
Da tua alma a indiferença,
Do teu labio a maldição ! . . .

Perdão, senhora ! . . . Perdão ! . . .

Junho — 1858.

XLII

MOCIDADE.

Ninon, Ninon, que fais tu de la vie?
L'heure s'enfuit, le jour succede au jour.
Rose ce soir, demain flétrie,
Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour?!...

Musset.

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
Quando a terra sorri-se e o mar suspira
Porque te banha o rosto essa amargura?!
21

Porque chorar quando a natura é risos,
Quando no prado a primavera é flores?
— Não foge a rosa quando o sol a busca
Antes se abrasa nos gentis fulgores.

Não! — Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos affague;
Uma voz que nos diga os seus queixumes,
Que as nossas magoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce, ou viração calmante;
— Amor — é a fonte que nasceo nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Amai-vos! — disse Deus creando o mundo,
Amemos! — disse Adão no paraíso,
Amor! — murmura o mar nos seus queixumes,
Amor! — repete a terra n'um sorriso!

Doce filha da languida tristeza
Tua alma a suspirar de amor definha...
— Abre os olhos gentis á luz da vida,
Vem ouvir no silencio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!
A vida, como um sonho — brilha e passa;
Porque não havemos p'ra acalmar as dores
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo! — E que te importa o mundo?
— Velho invejoso, a resmungar baixinho!
Nada perturba a paz serena e doce
Que as rôlas gosão no seu casto ninho.

Amemos! — tudo vive e tudo canta...
Cantemos! seja a vida — hymnos e flores;
De azul se veste o céu... vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
— Como a flor indolente da campina
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

XLIII

NOIVADO.

Filha do céo — oh flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar n'um céo sem nuvens
Desfolha rosas no virgineo leito.

Nas horas do silencio inda és mais bella!
Banhada do luar, n'um vago anseio,
Os negros olhos de volupia mortos
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta — meu amor só, vela;
Suspira a fonte e minha voz sentida
E' doce e triste como as vozes d'ella.

Qual echo fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnolia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe — bem longe — devagar se perde.

Que céo tão puro! que silencio augusto!
Que aromas doces! que natura esta!
Cançada a terra adormeceo sorrindo
Bem como a virgem no cahir da sesta!

Vem! tudo é tranquillo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lyrio do vallado.
— Sosinhos, sobre a relva da campina,
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares
Oh! filha do sertão! sobre o meu peito.
O moço triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto leito.

XLIV

DE JOELHOS.

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,
Ou a mãe que soffre pela filha bella,
Eu — de joelhos — com as mãos erguidas,
Supplico ao céo a felicidade *d'ella*.

— « Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que dais voz ás brisas e perfume á rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,
E da vereda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corolla pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem como a tenra planta
Nunca floresce sobre terra ingrata;
— Bem como a rôla — qualquer folha a espanta,
— Bem como o lyrio — qualquer vento a mata.

Ella é a rôla que a floresta cria,
Ella é o lyrio que a manhã descerra.
Senhor, amai-a! — a sua voz macia
Como a das aves, a innocencia encerra!

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro...
— Senhor! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deosa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flores...
— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sobre a flor querida;
Fazei-lhe oh Deus! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos — prolongai-lhe a vida!

Depois — de joelhos — eu direi sois justo,
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minh'alma adora! —

Dezembro — 1838.

LIVRO TERCEIRO

Nascer, lutar, soffrer — eis toda a vida!

Gonçalves Dias.

XLV

TRES CANTOS.

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folgedos de innocencia,
Nos delirios de crianca ;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura —
N'essa continua ventura
E' toda um hymno : — esperanca !

Depois. na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, ferosa e bella —
Idolatrando a donzella
Soletra em trovas: — amor!

Mas quando a crença se exgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma cançada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida —
Só tem um canto: — saudade!

XLVI

ILLUSÃO.

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmurio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do vale suspira
Como o nauta da patria afastado ;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gémidos aos echos envia,
E que o peito que em magoas aneia
Bebe louco essa grave harmonia ;

Quando a terra, da vida cançada,
Adormece n'um leito de flores
Qual donzella formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores ;

Eu de pé sobre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso desliza
E repito essas queixas sentidas
Que murmurão as ondas co'a brisa.

E' então que a minha alma dormente
D'uma vaga tristeza se innunda,
E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar socegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pôpa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera. .
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado : — não fujas, — espera !

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia! ..

E depois.. quando a lua illumina
O horisonte com luz prateada,
Julgo ver essa fronte divina
Sobre as vagas seismando, inclinada !

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delirio nos meus se fitando,
E uma voz em accentos plangentes
Vem de longe um — adeus — soluçando !

Illusão!... que a minha alma, coitada,
De illusões hoje em dia é que vive ;
E' chorando uma gloria passada,
E' carpindo uns amores que eu tive !

XLVII

SONHANDO.



Um dia, oh linda, embalada
Ao canto do gondoleiro,
Adormeceste innocente
No teu delirio primeiro,
— Por leito o berço das ondas,
Meu collo por travesseiro!

Eu, pensativo, scismava
N'algum remoto desgosto,
Avivado na tristeza
Que a tarde tem, ao sol-posto,
E ora mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
E prêsa de vago aneio
Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome n'um soluço
Á flor dos labios te veio!

Tremeste como a tulipa
Batida do vento frio...
Suspiraste como a folha
Da brisa ao doce cicio...
E abriste os olhos sorrindo
Ás agoas quietas do rio!

Depois — uma vez — sentados
Sob a copa do arvoredó,
Fallei-te d'esse soluço
Que os labios abriu-te a mêdo...
— Mas tu, fugindo, guardaste
D'aquelle sonho o segredo!...

XLVIII

LEMBRANÇA.

N'UM ALBUM.

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma *lembrança*,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome,
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus labios dirão: — coitado!

Junho — 1838.

XLIX

O BAILE!

Se junto de mim te vejo
Abre-te a bocca um bocejo,
Só pelo baile suspiras !
Deixas amor — pelas galas,
E vais ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras !

Tens razão ! Mais valem risos
Fingidos, d'esses Narcizos
— Bonecos que a moda enfeita —
Do que a voz sincera e rude
De quem, presando a virtude,
Os atavios rejeita.

Tens razão ! — Wälsa, donzella,
A mocidade é tão bella,
E a vida dura tão pouco!
No borborinho das salas,
Cercada de amor e galas,
Sê tu feliz — eu sou louco !

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem gemido,
No somno que a dor conforta ;
Ao concertar tuas tranças
No meio das contradanças
Diz tu sorrindo: « — Qu'importa? . . .

« Era um louco, em noites bellas
« Vinha fitar as estrellas
« Nas praias, co'a fronte nua !
« Chorava canções sentidas
« E ficava horas perdidas
« Sosinho, mirando a lua !

« Tremia quando fallava
« E — pobre tonto — chamava
« O baile — alegrias falsas !
« — Eu gosto mais d'essas fallas
« Que me murmurão nas salas
« No ritornello das walsas. — »

Tens razão ! — Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella
E a vida dura tão pouco !
P'ra que fez Deus as mulheres,
P'ra que ha na vida prazeres?
Tu tens razão. . . eu sou louco !

Sim, walsa, é doce a alegria,
Mas ai ! que eu não veja um dia
No meio de tantas galas —
Dos prazeres na vertigem,
A tua corôa de virgem
Rolando no pó das salas ! . . .

L

MINH'ALMA É TRISTE.

Mon cœur est plein — je veux pleurer !

Lamartine.

I.

Minh'alma é triste como a rôla afflicta.
— Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já forão lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga sôlta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gosos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque — mas a minh'alma é triste !

II.

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria ;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas sôltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Ás vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tóa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas agoas de gentil lagôa!

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gosos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste.
— Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos — a minh'alma é triste!

III.

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato!

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a preendi nos braços!
Que o diga e falle o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dois laços
Ambos chorámos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gosos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

IV.

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem :
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bachanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'rêa
Que em doce canto me attrahio na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Ferio-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gosos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Forão-se as flores — a minh'alma é triste!

LI

PALAVRAS A ALGUEM.

Tu folgas travêssa e louca
Sem ouvires meu lamento,
Sonhas jardins d'esmeralda
N'esse virgem pensamento,
Mas olha que essa grinalda
Bem pôde murchal-a o vento!

Ai que louca ! abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,
Escrepto em noites d'angustia,
Regado com muito pranto,
E . . . quasi rasgaste as folhas
Sem entenderes o canto !

Agora corres nos charcos
Em vez das alvas areias !
Deleita-te a voz fingida
D'essas formosas sereias.
Mas eu te fallo e te aviso :
— « Olha que tu te enlamêas ! » —

Tu és a pomba innocente,
Eu sou teu anjo-da-guarda,
Devo dizer-te baixinho :
— « Olha que a morte não tarda !
« Mariposa dos amores
« Deixa a luz, embora arda.

« A chamma seduz e brilha
— « Qual diamante entre as gazas —
« E tu no fogo maldito
« Tão descuidosa te abrasas !
« Mariposa, mariposa,
« Tu vais queimar tuas azas ! »

Conchinha das lisas praias
Nasceste em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!
— Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlamêas!..

LII

FOLHA NEGRA.

Sinhá,
Um outro mancebo
Alegre, poeta e crente,
Soltára um canto fervente
De amor talvez! — de alegria,
E aqui nas folhas do livro
Deixára — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Que a mocidade consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

E' triste como um gemido,
E' vago como um lamento;
— Queixume que sóta o vento
Nas pedras d'uma ruina
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as agoas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
— Já morto — se apegá á vida!

Vozes de flauta longiqua
Que as nossas magoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que rólla,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da violla!..

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
— Calado e só — recostado
Na pedra d'algum caminho...
Canção de santa doçura
Da mãe que embala o filhinho!.

Meu nome!... E' simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
— Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome.
— Sinhá!... das folhas do livro
E' bom tirar o meu nome!...

LIII

À MORTE

DE

AFFONSO DE A. COUTINHO MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCOLA CENTRAL.

Who hath not lost a friend?...

M.

E' triste ver a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!
E' bem triste dos annos nos verdes
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
 N'um craneo de volcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
 A's vezes no embryão?!

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujoo perfume a solidão encanta
 No socego do val?..`
— Não veriamos nós n'este martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lyrio
 Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! N'esse peito nobre
E n'essa frente que o sepulchro cobre
 Era fundo o sentir!
Agora solitario tu descanças,
E contigo esse mundo de esperanças
 Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horisonte a vela
 Nas nevoas da manhã!
A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
 A' voz de sua irmã!

E' mudo aquelle a quem irmão chamámos,
E a mão que tantas vezes apertámos
Agora é fria já!
Não mais nos *bancos* esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo
Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da gloria que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deo;
Martyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeo nos livros esse fel que mata
E pobre adormeceo!

Era bem cedo! — na manhã da vida
Chegar não pôde á terra promettida
Que ao longe lhe sorrio!
Embora d'esta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternas carinhos,
Cançado succumbio!

Era bem cedo! — Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor d'essa alma
Ao colher do futuro a verde palma
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão ;
E d'envôlta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
Bemdizem só a Deus—
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, á beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descança! se no céo ha luz mais pura,
De certo gosarás n'essa ventura
Do justo a placidez!
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste.
— Não tarda a minha vez!

LIV

BERÇO E TUMULO.

NO ALBUM D'UMA MENINA.

Trago-te flores no meu canto amigo
— Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amores — deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

E' cedo ainda! — quando moça fôres
E percorreres d'este livro os cantos,
Talvez que eu durma solitario e mudo
— Lyrio pendido a que ninguem deo prantos! —

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singella,
E n'esse ramo que o sepulchro implora
Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

Junho — 1858.

LV

INFANCIA.

* * *

O' anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
— Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!..

O' anjo da loura trança,
E's criança,
A vida começa a rir.
— Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

O' anjo da loura trança,
Não descança
A primavera inda em flor;
Por isso aproveita a aurora
Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

O' anjo da loura trança,
A dôr lança
Em nossa alma agro descrer.
— Que não encontres na vida
Flor querida,
Senão continuo prazer.

O' anjo da loura trança,
A onda é mansa
O céo é lindo docel;
E sobre o mar tão dormente,
Docemente
Deixa correr teu batel.

O' anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!..
— Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Rio — 1838.

LVI

A UMA PLATEIA.

* *

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergontea nasce o galho;
E a flor p'ra ter mais vida,
Para ser — rosa querida —
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo:
Quando tímido elle adeja
— Qual ave que se espaneja —
Como a flor, tambem precisa
Em vez do sôpro da brisa
O sôpro da sympathia
Que lhe adoce os amargores,
Para em horas de cansaço
Na estrada que vai trilhando
Encontrar de quando em quando
Por entre os espinhos — flores..

E vós que acabaes de ouvil-o
A suspirar n'esse trillo
No seu gorgeio primeiro;
Vós, que viste o seu comêço,
Dai-lhe essas palmas de apreço
Que é artista e .. brasileiro!

LVII

NO TUMULO D'UM MENINO.

Um anjo dorme aqui ; na aurora apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida alevantado o véo.
— Rosa tocada do cruel granizo —
Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p'ra brincar no céo !

LVIII

A J. J. C, MACEDO-JUNIOR.

Poète, prends ta lyre ; aigle, ouvre ta jeune aile ;
Etoile, étoile, lève-toi !

V. Hugo.

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co'o sorriso nos labios, franco e ledô
 Aperto a tua mão :
Cantor das açucenas, cré-me agora,
Este canto que a lyra balbucia
 E' pobre, mas de irmão !

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita
De glorias e de amor:
Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,
Mas ouvindo teus hymnos me arrebatô
E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos annos,
Não sei que vozes nos entornão n'alma
Canções de cherubim!
Uns perdem, como eu, cedo os verdores,
Mas outros crescem no primor das graças
E tu serás assim!

Oh! mocidade! como és bella e rica!
Hymnos de amores n'este sec'lo bruto!
Louvor ao menestrel!
Palmas a ti, cantor das açucenas!
Quatorze primaveras n'essa fronte
Semelhão-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
Das languidas cecens,
Podes, criança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sybarita indolente, sobre rosas
 Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento — estuda e pensa —
 E' bello e teu porvir!

Não faças como nós; na infancia apenas
Solta poeta o gorgear de amores
 Que é doce o teu cantar.
Seja a vida p'ra ti só riso e galas
E adormeças a scismar quimeras
 Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
 Das longas saturnaes;
Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as azas minha pomba casta
 E foge dos pardaes.

Não manches meu poeta as vestes brancas
No mundo infame; mirra-se a grinalda
 E vão-se as illusões!
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vai-vem teimoso
 Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia
Que engana com sorriso de feitiços
— Tão pallida Rachel!
Não encostes na taça os labios soffregos.
O vaso queima e beberás nos risos
Da amargura o fel!

Conserva na tua alma a virgindade,
E tenha o coração na rica aurora
Das rosas o matiz ;
Se a donzella cuspir nos teus amores
Chora perdida essa illusão primeira...
Mas vive e sê feliz !

Se a dor fôr grande não te vergues fraco,
Oh! não escondas no sepulchro a fronte
Aos raios d'este sol ;
Não vás como Azevedo — o pobre genio —
Embrulhar-te sem dó na flor dos annos
Da morte no lençol !

Vive e canta e ama esta natura,
A patria, o céu azul, o mar sereno,
A veiga que seduz ;
E possa meu poeta essa existencia
Ser um lindo vergel todo banhado
De aromas e de luz !

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céo êchos mais santos
 Que a terra não dará;
Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde
 A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem d'este mundo de miserias
 A estúpida mudez; *
E dos preludios d'essa lyra ingenua
Em poucos annos surgirá brilhante
 Millevoye — talvez!

LIX

UMA HISTORIA.

A brisa dizia á rosa :
• — « Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor ;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio minha flor !

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar;
E de noite na corrente
Mansamente
Mansamente te embalar! » —

E a rosa dizia á brisa :
— « Não precisa
Meu seiò dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais! » —

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre d'ella! — Teve a morte
Porque o Norte
Porque o Norte a desfolhou! ..

LX

NO LEITO.

M * * *

Se eu morresse amanhã!

A. de Azevedo

I.

Eu soffro; — o corpo padecer
E minh'alma se estremece
Ouvindo o dobrar d'um sino!
Quem sabe? — A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a nota d'um hymno!

A febre me queima a fronte
E dos tumulos a aragem
Roçou-me a pallida face;
Mas no delirio e na febre
Sempre teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Vela á minha cabeceira,
Rodeada de poesia,
Tão bella como no dia
Em que vi-te a vez primeira!

Teu riso a febre me acalma;
— Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a, eu pobre palpito,
Sou feliz e esqueço as dores.

II.

Se a morte colher-me em breve,
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
— Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa
Se mais longa Deus m'a dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flor dos annos
Banhada da luz do sol!
Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das melodias,
Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
A' beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.

Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei!
— Adeus oh! sonhos dourados,
Adeus oh! noites formosas,
Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos creei!

Ao menos, nesse momento
Em que o lethargo nos vem
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a frente já fria
No collo de minha mãe!

III.

Mas eu bemdigo estas dores,
Mas eu abenço o leito
Que tantas magoas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora — vivirá !
— Que ás vezes na cruz singella
Tu irás pallida e bella
Desfolhar uma saudade !
— Que de noite, ao teu piano,
Na voz que a paixão desata,
Chorarás a — Traviata
Que eu dantes amava tanto
Nas ancias do meu amor !
— E que darás compassiva
Uma gotta do teu pranto
A' memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador !

Bem dita, bem dita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma fallar co'a minha
Nessa linguagem do céo
Que o pensamento adivinha !

Eu — o filho da poesia —
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

IV

Que tem a morte de feia?!
— Branca virgem dos amores,
Toucada de murchas flores,
Um longo somno nos traz;
E o triste que em dor anceia
— Talvez morto de cansaço —
Vai dormir no seu regaço
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véo
Que a eternidade nos véla;
E nós — os filhos do erro —
Libertos deste desterro,
Vamos comtigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,
Sonhar os sonhos do céo!

Ha tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos cyprestes!
Tanta dor nas brancas vestes!
Tanta doçura ao luar!
— Que alli o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
A' sombra dos arvoredos
Póde viver a sonhar!

V.

Assim, — se amanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sôpro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus;
— Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
— Toda saudade e amores —
Vai dizer-te o extremo — adeus! . . .

LXI

POIS NÃO É ?!

Ver cahir o cedro annoso
Que campeava na serra,
Ver frio baixar á terra
O pobre velho bondoso
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura ;
E' triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido á voz da procella,
No mundo — jardim lascivo —
A vida foi longa e bella.

Mas ver a rosa do prado
Que a aurora deu cor e vida,
De manhã — flor do valado,
De tarde — rosa pendida! ..

Mas ver a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sópro da viração;
Mas vel-a depois lascada
Em duas cahir no chão!

Mas ver o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro
Nas glórias do seu futuro
Dourando a vida de luz;
Mas vel-o quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia
Se derramava em poesia;
Quando junto da donzella
— Captivo dos olhos della —
Na voz que balbuciava
De amores fallava a mêdo;
Quando o peito trasbordava

De crenças, de amor, de fé,
Vêl-o finir-se tão cêdo,
Como as vozes d'um segredo...
E' dor de mais — pois não é?! ..

Inday'assú — 1857.

LXII

NA ESTRADA.

SCENA CONTEMPORANEA.

Eu vi o pobre velho esfarrapado
→ Cabeça branca — sentado pensativo
D'um carvalho ao pé;
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde ; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
— Ao lado o seu bordão ;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'róa
De pobre e de ancião !

E o *homem de metal* vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura de judeus ;
O mendigo estendeo a mão mirrada,
E pedio-lhe na voz entrecortada :
— Uma esmola, por Deus !

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra
Sem responder, passou !
O pobre recolheo a mão vasia...
O anjo tutelar velou seu rosto
Mas — Satanaz folgou !

LXIII

NO JARDIM.

SCENA DOMESTICA.

Tête sacrée ! enfant aux cheveux blonds !

V. Hugo.

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo — o anjo louro,
E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flor da infancia,
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois, a borboleta da campina
Toda azul — como os olhos grandes d'ella —
A doudejar gentil passou bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bella.

— Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea falla —
Mamãe me ralha se eu ficar cansada
Mas — dizia a correr — heide apanhal-a! —

Eu segui-a chamando-a, e ella rindo
Mais corria gentil por entre as flores,
E a — flor dos ares — abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes cores.

Ião, vinhão, á roda das acacias,
Brincavão no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: — Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas! .. —

LXIV

RISOS.

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste — quem nega?
— Nem vale a pena dizel-o.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora é — toda venturas,
De tarde — doce tristeza,
De noite — sombras escuras !

A velhice tem gemidos,
— A dor das visões passadas —
A mocidade — queixumes,
Só a infancia tem risadas !

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante !

LIVRO NEGRO.

HORAS TRISTES.

I.

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas
Nas trevas um fanal !

Eu soffro e esta dor que me atormenta
E' um supplicio atroz !
E p'ra contal-a falta á lyra cordas
E aos labios meus a voz !

A's vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite na mudez,
Eu crio na' cabeça mil fantasmas
Que aniquilo outra vez!

Dóe-me inda a bocca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pai que as bellas filhas
Vio languidas morrer,
E já não pousão no meu rosto pallido
Os risos do prazer!

—

E comtudo, meu Deus! eu sou bem moço,
Devêra só me rir,
E ter fé e ter crença nos amores,
Na gloria e no porvir!

Eu dêvera folgar nesta natura
De flores e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro
Estrella que seduz!

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
 Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
 O canto que maldiz !

Os outros, — os felizes d'este mundo,
 Deleitão-se em saráos ;
Eu solitario soffro e odeio os homens,
 P'ra mim são todos máos !

Eu olho e vejo. . — a veiga é de esmeralda,
 O céo é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
 O lodo d'um paul !

Mas se ella — a linda filha do meu sonho,
 A pallida mulher
Das minhas fantasias, dos seus labios
 Um riso, um só me der ;

Se a doce virgem pensativa e bella,
 — A pudica vestal
Que eu criei n'uma noite de delirio
 Ao som da saturnal ;

Se ella vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim;
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu labio afagar a minha fronte
— Tão fervido volcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As fallas da paixão;

Se cair desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!...

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dor do coração!

Talvez que nos meus labios desmaiados
Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na gloria e no porvir!

Talvez minh'alma resurgisse bella
Aos raios d'esse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse á vida
Com ancia e com ardor,
E pudesse aspirando os seus perfumes
Viver do seu amor!

P'ra ella então seria a minha vida,
A gloria, os sonhos meus;
E dissera chorando arrependido:
— Bemdito seja Deus ! —

DORES.



II.

Ha dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola,
 Ou suspeita sequer !
Magoas maiores do que a dor d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
 De labios de mulher !

Doces fallas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
 Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvidio de passados beijos.
São dores essas que o tempo cicatriza
 Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
 Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivão,
E loucos vamos em delirios novos
 Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
 E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abrasa,
Que quer banhar-se nessas agoas claras,
 Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se cretão nunca
 Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anseio do bolir das ondas
 Palpitão corações.

Não ! a dor sem cura, a dor que mata,
E', moço ainda, e perceber na mente

A duvida a sorrir !

E' a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corõas,

Dos sonhos do porvir !

E' ver que nos arrancão uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,

Que vôão para Deus !

E' ver que nos apagão d'alma as crenças

E que profanão o que santo temos

Co'o riso dos atheus !

E' assistir ao desabar tremendo,

N'um mesmo dia, d'illusões douradas,

Tão candidas de fé !

E' ver sem dó a vocação torcida

Por quem devêra dar-lhe alento e vida

E respeitá-la até !

E' viver, flor nascida nas montanhas,

Para aclimar-se, apertada n'uma estufa

A' falta de ar e luz !

E' viver, tendo n'alma o desalento,

Sem um queixume, a disfarçar as dores

Carregando a cruz !

Oh ! ninguém sabe como a dor é funda,
Quanto pranto s'engole e quanta angustia,
A alma nos desfaz !
Horas ha em que a voz quasi blasphema . . .
E o suicidio nos acena ao longe
Nas longas saturnaes !

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco
Qual d'antes, já não vem ;
Um véo nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem !

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar !
E a fronte joven que o pezar sombreia
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar !

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
No leito dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés !

Esquecimento! — mortalha para as dores —
Aqui na terra é a embriaguez do goso,
 A febre do prazer:
A dor se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
 E' doce então morrer!

Depois o mundo diz: — Que libertino!
A folgar no delirio dos alcouces
 As azas empanou! —
Como se elle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
 Não fosse quem matou!..

Oh! ha dores tão fundas como o abysmo,
Dramas pungentes que ninguem consola
 Ou suspeita sequer!
Dores na sombra, sem caricias d'anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
 Sem beijos de mulher!



III.

Pobre criança que te affliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vês,
E que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez ;

Deus te abençõe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou !
Teu pranto é gotta de celeste goso
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do chôro a baga humedeceo-me o seio,
Da estrada a gente me cobrio de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais. .
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura: — Como o canto é lindo! —
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

—

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei:
Talvez — desejos — d'algum lindo lago,
— Ancias — d'um mundo com que já sonhei! . . .

E eu soffro, oh anjo; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dor,
E passa linda do meu sonho a filha
Sôltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares
A' beira d'agoa, nos vergeis do sull!..

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céu de luz;
E eu — desperto do meu sonho verde—
Acordo e chóro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flores tenho, nem prazer tambem!
— Rôto mendigo que não tem guarida—
Tímido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação louçã!
Tu foste o lyrio que nasceo, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno a viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou ;
Tu foste a gotta de bemdito orvalho
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé ;
E teus olhares me derramão n'alma
Doces consólos e orações de fé.

Não serei triste ; se te ouvir a falla
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Heide adorar-te como adoro a Deus !

FRAGMENTO.



IV

O mundo é uma mentira, a gloria — fumo,
A morte — um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que s'esvae na campa!

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo ç'o sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se bello d'illusões douradas,

Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois — louco sublime — elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as magoas,
Cria fantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, luta e se afadiga embalde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato — quer achar por força
Perola fina em lodassal immundo!
— Meninò louro que se cança e mata
Atraz da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal vòa e se perdê!..

ANJO!

—

M.

—

Sub umbra alarum tuarum.

V.

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavaes ao correr;
Tu foste a gotta dourada
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro, bem só;
Tu disseste : — Ergue-te Lasaro ! —
E o morto surgio do pó!

Eu era sombrio e triste.
Contente minh'alma é;
Eu duvidava... sorriste,
Já no amar tenho fé.

A fronte que ardia em brasas
A seus delirios poz fim
Sentindo o roçar das azas,
O sôpre d'um cherubim.

Um anjo veio e deo vida
Ao peito de amores nú:
Minh'alma agora remida
Adora o anjo — que és tu!

ULTIMA FOLHA.

VI.

Meu Deus! Meu Pai! Se o 'filho da desgraça
Tem jus um dia ao galardão remoto,
Ouve estas preces e me cumpre o voto
— A mim que bebo do absyntho a taça!

— « Feliz serás se como eu soffreres,
« Dar-te-hei o céo em recompensa ao pranto » —
Vós o disseste — E eu padeço tanto!...
Que novos transes preparar' me queres?

Tudo me roubão meus crueis tyrannos :
Amor, familia, felicidade, tudo!...
Palmas da gloria, meus lauréis do estudo,
Fogo do genio, aspiração dos annos!...

Mas o teu filho já se não rebella
Por tal castigo, pelas magoas duras ;
— Minh'alma off'reço ás provações futuras.
Venha o martyrio... mas — perdão p'ra *ella!*...

A doce virgem se assemelha ás flores.
O vento a quebra no seu verde ninho.
— Velai ao menos pelo pobre anjinho,
— Pagai-lhe em gozo o que me dais em dores!

	PAGS.
Prologo.	VII
A.	XI

LIVRO I.

1 Canção do exilio.	5
2 Minha terra.	9
3 Saudades.	13
4 Canção do exilio.	17
5 Minha mãe.	21
6 Rosa murcha.	25
7 Jurity.	29
8 Meus oito annos.	33
9 No album de J. C. M.	37
10 No lar.	39

Brazilianas.

11 Moreninha.	47
12 Na rede.	53

II.

	PAGS.
13 A voz do rio.	37
14 Sete de Setembro.	61

Canticos.

15 Poesia e amor.	65
16 Orações.	71
17 Balsamo.	73
18 Deus.	75

LIVRO II.

19 Primaveras.	79
20 Scena intima.	83
21 Juramento.	87
22 Perfumes e amor.	91
23 Segredos.	93
24 Clara.	97
25 A walsa.	99
26 Borboleta.	107
27 Quando tu choras.	111
28 Canto de amor.	113
29 Violeta.	119
30 O que?	121
31 Sonhos de virgem.	123
32 Assim!	127
33 Quando?!	129
34 Sempre sonhos!	131
35 O que é sympathia.	135
36 Palavras no mar.	137
37 Pepita.	139
38 Visão	143
39 Queixumes.	147
40 Amor e medo.	151
41 Perdão.	155

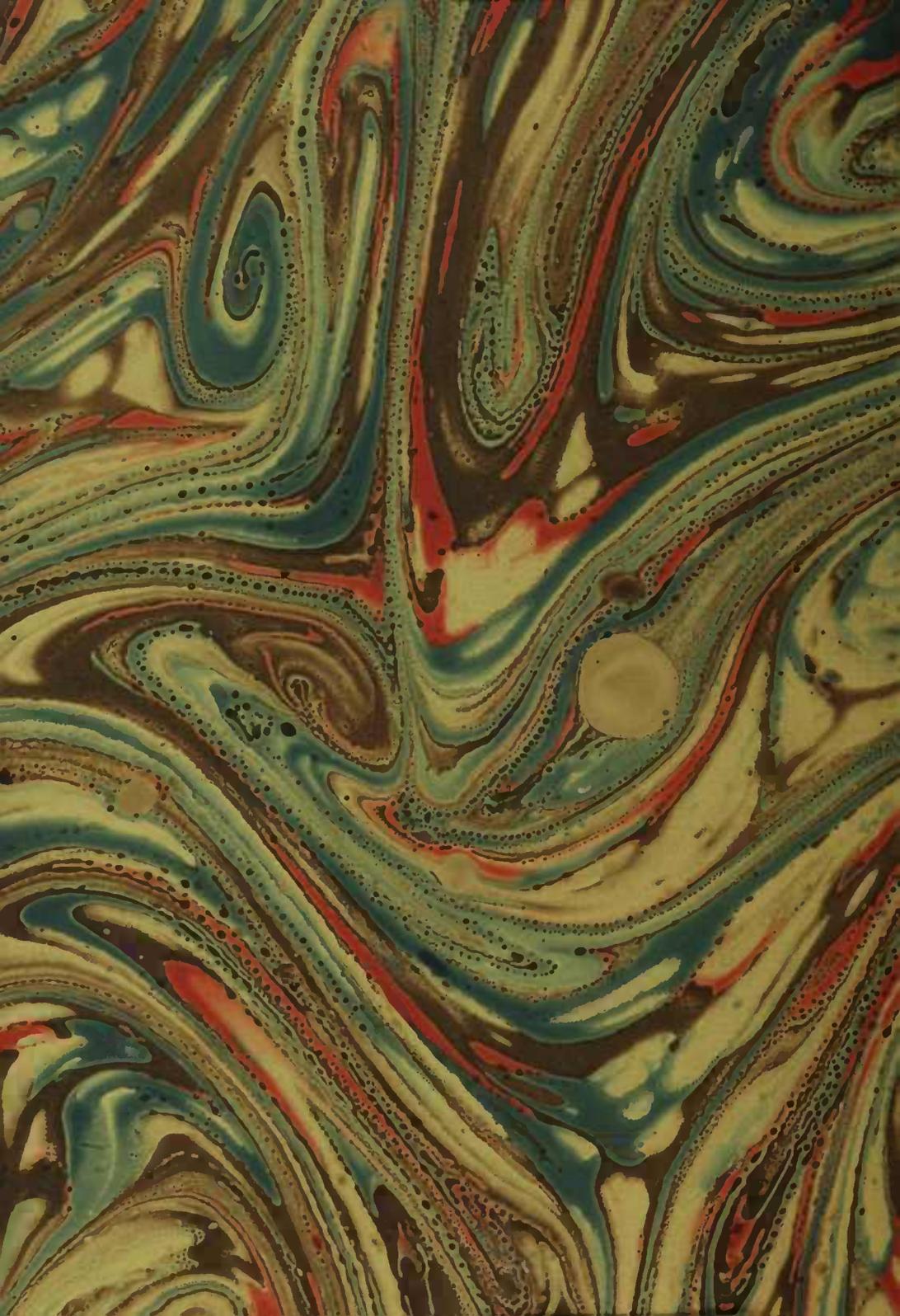
42 Mocidade.	161
43 Noivado.	165
44 De joelhos.	167

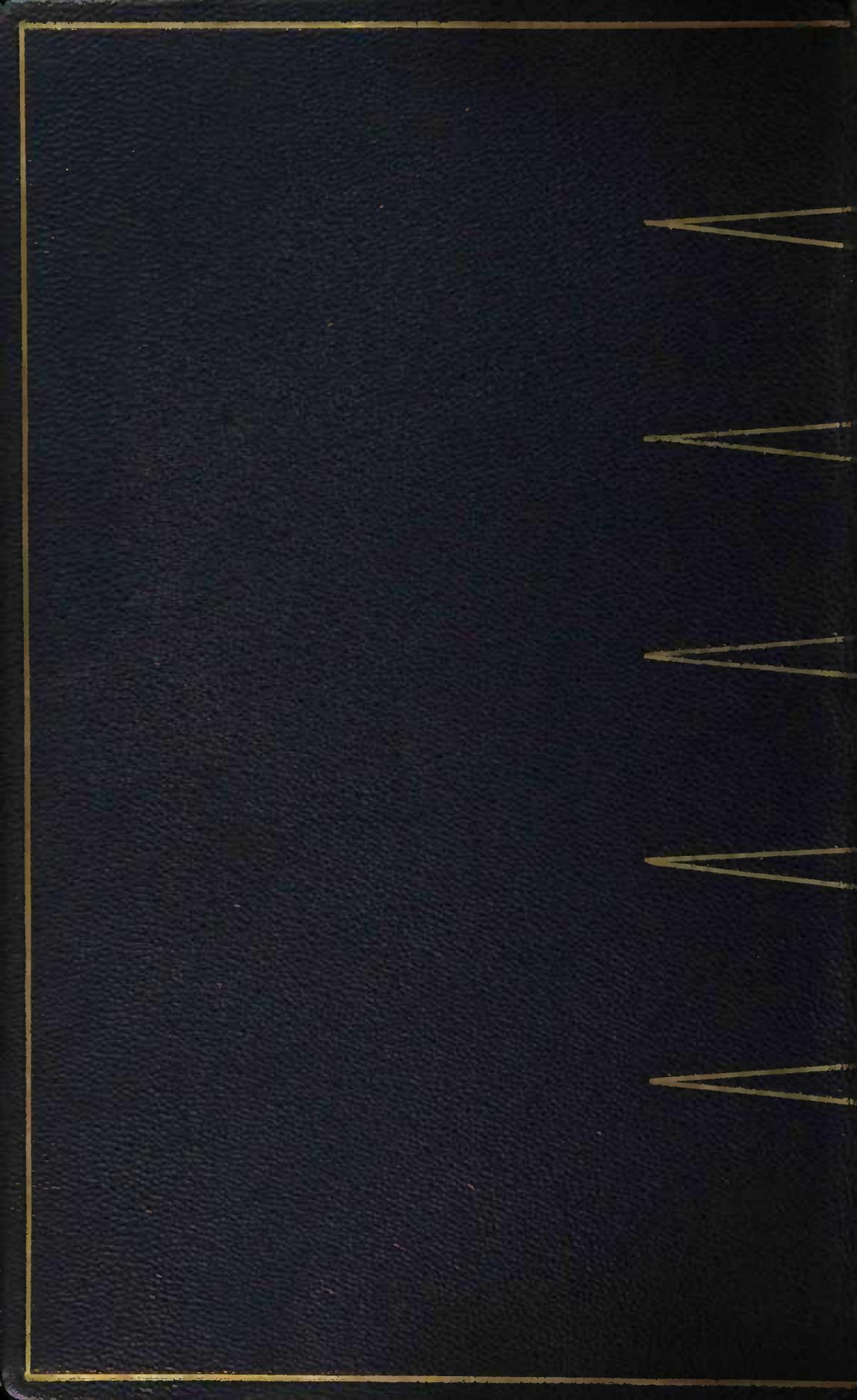
LIVRO III.

45 Tres cantos.	173
46 Illusão.	175
47 Sonhando.	179
48 Lembrança.	181
49 O baile!	183
50 Minh'alma é triste	187
51 Palavras a alguem.	193
52 Folha negra.	197
53 A' morte de Messeder.	201
54 Berço e tumulo.	205
55 Infancia.	207
56 A uma plateia.	211
57 No tumulo d'um menino.	213
58 A J. J. Macedo-Junior.	215
59 Uma historia.	221
60 No leito.	223
61 Pois não é?!	229
62 Na estrada.	233
63 No jardim.	235
64 Risos.	237

Livro negro.

1 Horas tristes.	239
2 Dores.	245
3	251
4 Fragmento.	255
5 Anjo!	257
6 Ultima folha.	259





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).